



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A VOZ DA MULHER – CIDADANIA E RELIGIOSIDADE NO PROGRAMA RADIOFÔNICO DO CENTRO DAS MULHERES DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO (PE)¹

Elizabete CANUTO

RESUMO - *Este trabalho consiste num estudo sobre as mensagens emitidas por meio do programa radiofônico, A Voz da Mulher, produzido pelo Centro das Mulheres de Vitória de Santo Antão. O objetivo principal foi compreender a construção simbólica realizada, com ênfase nas questões de cidadania e religiosidade. Percebeu-se que a produção discursiva foi marcada pela apropriação e usos de uma multiplicidade de elementos provenientes de mediações diversas, com destaque para o contexto específico da Zona da Mata pernambucana, tendo sido as mensagens permeadas por traços culturais característicos desta região, ressaltando-se o paternalismo, conformismo e resignação, solidariedade, resistência e desejo de mudança. Trata-se de uma pluralidade de elementos que se relacionam de forma complexa, configurando um discurso de caráter heterogêneo, mas que, de um modo geral, não destoaa da proposta de transformação social pretendida pelo Centro.*

Palavras-chave: produção discursiva; cidadania; religiosidade.

¹ Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



1. Introdução

Este trabalho consiste num estudo sobre a produção discursiva característica do programa *A Voz da Mulher*, veiculado por meio da Rádio Cultural de Vitória – AM, no município de Vitória de Santo Antão, situado na Zona da Mata de Pernambuco. Esse programa, transmitido entre 1989 e fevereiro de 2002, tinha por finalidade reforçar e estender a um público maior o trabalho realizado pelo Centro das Mulheres de Vitória de Santo Antão (CMV), uma Organização Não Governamental cujo objetivo é orientar a sociedade na reflexão sobre questões referentes à realidade sócio-política e econômica local e nacional, com vistas à melhoria das condições de vida dos setores excluídos.

Tendo como principal objetivo detectar significados e visões de mundo marcantes nas mensagens do mencionado programa, procurou-se compreender a maneira pela qual suas três produtoras e apresentadoras organizaram e expressaram seu pensamento, especificamente no que se refere a questões relativas à cidadania e religiosidade, as quais se sobressaíram no conjunto das mensagens. Para tanto, buscou-se captar as principais matrizes discursivas subjacentes, considerando que tais mulheres, como agentes sociais, apropriam-se de elementos de mediações diversas, referentes à cultura, estratificação social, vivência política, etc., num processo de consumo e reconstrução simbólica. Nesta análise, levou-se em consideração as especificidades da Zona da Mata pernambucana, com a finalidade de atentar para a possível presença de representações sociais características do local. Focalizou-se, também, as formas de relação estabelecidas entre emissores e receptores, buscando-se apreender aspectos como a preocupação dos primeiros com a sintonia entre os códigos por eles empregados e a realidade à qual acreditam pertencer os receptores.

Para a realização do estudo foram gravadas três seqüências do programa *A Voz da Mulher*, o qual, transmitido ao vivo e semanalmente, apresentava uma hora de duração. Tais gravações foram acompanhadas de perto, a fim de se captar detalhes não perceptíveis apenas a partir da escuta das fitas cassete, como, por exemplo, gestos das locutoras e uma apreensão mais precisa em relação ao ambiente onde o programa se realiza. Nesses momentos, tornou-se bastante útil a técnica de *observação dirigida*,

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

tendo sido feitos registros preciosos para o presente estudo. Foram feitas, também, entrevistas com as realizadoras do programa, para conhecer suas histórias e experiências, bem como aspectos diversos sobre o Centro das Mulheres, o programa radiofônico e suas impressões sobre os mesmos. Além disso, foram coletados materiais impressos sobre o Centro das Mulheres.

A importância de se realizar estudos como este reside na possível contribuição para avanços na construção de teorias de comunicação que contemplem questões vinculadas à cidadania. Além disso, espera-se contribuir para as práticas sociais, fornecendo às organizações populares, em especial ao Centro das Mulheres, elementos úteis para o desenvolvimento das estratégias de comunicação utilizadas, ponto essencial para seu fortalecimento. Nesse contexto, vale sublinhar a relevância de programas radiofônicos como instrumento de mobilização da população da Zona da Mata pernambucana, devido ao fato de ser o rádio o veículo de comunicação mais utilizado no meio rural. As razões para isso vinculam-se à força da oralidade na cultura do local, onde há um alto índice de analfabetismo, ao baixo custo para adquirir o aparelho em comparação com a televisão, bem como ao fato de os trabalhadores rurais, cuja rotina é bastante ativa, não precisarem interromper suas atividades para utilizar o rádio, de fácil transporte. Assim, mostra-se importante captar os sentidos difundidos em *A Voz da Mulher*, verificando em que medida tais mensagens se identificam/ajustam ao projeto de mudança social pretendido pelo CMV.

2. Caracterização do programa

A Voz da Mulher foi criado um ano após a fundação do CMV, cujo propósito inicial foi suprir a necessidade de propiciar às mulheres um espaço para discussão e reflexão sobre sua situação na sociedade. A iniciativa partiu de duas ex-funcionárias do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vitória, as quais até hoje compõem, juntamente com outras sete mulheres, a diretoria do Centro. No princípio voltado apenas para o segmento feminino, hoje atua também junto a agricultores familiares, assentamentos de Reforma agrária e acampamentos de sem-terra.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O programa radiofônico foi dirigido e apresentado por duas diretoras do CMV, Socorro Santos e Maria do Carmo Souza, juntamente com uma atuante no ramo de radialismo, Célia Oliveira, sem formação profissional neste setor. Pioneiro na Zona da Mata pernambucana, o programa teve sua transmissão inicialmente negada pelas rádios do município, sendo veiculado durante quatro anos em cidade vizinha. Segundo Socorro Santos, *“mesmo pagando foi difícil conseguir espaço nas rádios por causa do machismo”*.

No período de sua suspensão o programa, além de Vitória de Santo Antão, alcançava outros dez municípios da circunvizinhança e era composto pelos seguintes quadros: abertura (sempre uma prece); cumprimentos e recados aos ouvintes; giro pelo CMV (conjunto de informações sobre o trabalho desenvolvido no Centro); comentário político; dicas sobre saúde; receita do dia (leitura de uma receita de culinária); novela produzida pela UMMAV (União de Mulheres Maria Amália de Vitória de Santo Antão, associação fundada com o apoio do CMV); músicas; e momento de reflexão (leitura de um texto com ensinamentos morais ou religiosos). Quinzenalmente, transmitia-se ainda *A Vez da Criança nas Ondas do Rádio*, um espaço para um grupo de crianças falar sobre seus direitos, seguindo um texto previamente elaborado pela equipe de produção.

A respeito dos quadros pode-se destacar a importância destinada aos cumprimentos aos ouvintes, em que se revelava, muitas vezes, uma relação de proximidade entre eles e a equipe do programa. Quanto ao comentário político, este abrangia temas relacionados não só com o público feminino, mas com a realidade da população rural, das camadas populares e, ainda, da sociedade em geral. Interessante assinalar também os assuntos abordados na radionovela produzida pela UMMAV, com frequência referentes a problemáticas vinculadas à cidadania, como a questão da violência doméstica, por exemplo.

O roteiro do programa não costumava ter sua ordem seguida e o conteúdo planejado freqüentemente também sofria algumas alterações, ditadas por idéias surgidas no momento da veiculação. Tal atitude reflete a espontaneidade e improviso, características marcantes no programa, consideradas pelas produtoras um diferencial em

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



relação aos meios de comunicação de massa, os quais julgam pouco transparentes diante do público. Eis um comentário de Célia Oliveira sobre seu desempenho: *“A coisa é muito no improviso, na prática, é natural, como se estivesse falando cara a cara com o público. Isso a gente consegue porque sempre houve uma sintonia muito boa entre a gente. E assim a gente vai superando os problemas e tocando o programa pra frente”*.

A capacidade de improviso também se sobressaía diante da desorganização do ambiente da rádio, onde havia uma grande movimentação de pessoas, e costumava ocorrer problemas técnicos, devido ao estado precário dos aparelhos eletrônicos, sendo tudo resolvido durante o momento de veiculação do programa.

Apesar de haver dificuldades, notou-se que as realizadoras do programa o faziam com prazer e disposição, de forma descontraída, transferindo naturalmente emoção ao que era dito. Demonstravam, como elas próprias fizeram questão de lembrar, sinceridade no desempenho de suas funções, pois acreditavam naquilo que faziam e valorizam seus resultados, como se observou na declaração de Célia Oliveira: *“Gosto do programa porque ele é ousado, atrevido. Essas mulheres daqui são muito corajosas de dizer o que pensam num programa de rádio. Socorro mesmo já recebeu uns dois processos porque ela jamais fica calada quando vê uma coisa errada. Aqui no interior precisa muito disso porque o povo é muito desinformado. Você vê a questão da venda de voto, da falta de conhecimento da mulher na questão de saúde... E só informando é que se pode mudar alguma coisa”*.

3. Referencial teórico-metodológico

Para o desenvolvimento deste trabalho mostrou-se fundamental a contribuição dos estudos culturais em sua vertente latino-americana, com destaque para Martín-Barbero e Canclini. Em sua perspectiva, os fenômenos comunicativos são vistos como um espaço de produção de significados e práticas sociais, com base em referências simbólicas presentes nas representações sociais construídas ao longo de sua vivência histórica e social. Tal linha de estudos valoriza também a dimensão política, a qual é considerada *“(...) emergência da opacidade do social enquanto realidade conflitiva e*



cambiante, emergência esta que se realiza através do incremento da rede de mediações e da luta pela construção do sentido da convivência social” (Martín-Barbero, 1997:282).

Ressalte-se, ainda, a ênfase na dimensão cultural visualizada em sua relação dialética com a ordem social global, como destaca Canclini, ao contemplar a questão do hibridismo cultural, expresso nas “(...) *complexas interações entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o subalterno e o hegemônico*” (1995:239). Tal observação aponta para uma releitura do binômio cultura hegemônica-culturas subalternas, explorado por Gramsci, de modo a contribuir para uma nova perspectiva de se investigar o popular nos estudos sobre comunicação, percebendo que a condição de subalternidade “(...) *se reatualiza nas modernas culturas em gestação, com as relações que mantém com o mercado, com os tipos diversos de discursos e práticas consumistas, com a Indústria Cultural nacional e transnacional e com a lógica de seus veículos massivos. Porém sempre a partir da especificidade que é essa subalternidade, ou seja, ‘o lugar social’ a partir do qual são feitas todas essas relações*” (Lopes, 1990:56).

Outro referencial teórico-metodológico fundamental consiste na Análise de Discurso, tendo mostrado-se pertinente algumas das contribuições de autores como Norman Fairclough e Michel Foucault, especificamente ao considerarem a construção simbólica numa perspectiva dialética, tratando os discursos não só como práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-cultural e histórico, mas também como partes constitutivas desse contexto. Assim, segundo Fairclough, “*o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado*” (2001:91).

Também é relevante a abordagem de Foucault, quando definiu os discursos como “(...) *elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia;*



podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas” (1995:97). Tal aspecto denota, ainda, o caráter heterogêneo dos discursos, para o qual atentou também Milton José Pinto: “(...) *todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de ‘vozes’ ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado”* (1995:32).

Este autor enfatiza ainda outro aspecto importante para o presente estudo: a influência dos contextos institucional e situacional imediato, conforme estudos realizados por Milton José Pinto. O primeiro caracteriza-se pelas relações estabelecidas entre emissores e receptores, as quais, no caso do programa em análise, podem ocasionar, em alguns momentos, uma certa distância entre esses dois sujeitos, traduzidas em imposições de modos de agir e pensar, por parte das produtoras, bem como em sua auto-exclusão em se tratando de críticas à sociedade, perdendo de vista sua participação na mesma. O contexto situacional imediato, por sua vez, refere-se à dependência da forma como as realizadoras do programa constroem e estruturam seus discursos em relação às circunstâncias sob as quais ocorre este processo. Assim, a recorrência ao improvisado e o não acompanhamento do roteiro previamente elaborado podem ser explicados, também, por uma estratégia de adaptação às precárias condições do estúdio da rádio.

É fundamental, entretanto, destacar o fato de tal autor não perder de vista o caráter dialético da relação entre os contextos citados e a produção de discursos: “*os participantes nessa prática assumem o papel de sujeitos, no duplo sentido de assujeitados às determinações do contexto e de agentes das ações de produção, circulação e consumo dos textos”* (1995:12). Desse modo, por exemplo, assim como o ambiente “desorganizado” do estúdio estimulava o uso do improvisado, este contribuía para perpetuar as condições de trabalho descritas.



4. Análise das mensagens

As diferentes histórias de vida de Socorro Santos, Maria do Carmo Souza e Célia Oliveira refletiram-se tanto em sua forma de expressão, quanto nos conteúdos transmitidos e nos enfoques a eles conferidos. Bastante envolvida com as lutas sindicais ao longo de toda a sua vida, Socorro Santos foi quem fez com maior veemência e constância observações ligadas à cidadania, tendo sido, inclusive, a apresentadora do quadro *comentário político*. Frequentemente se manifestou de forma eufórica e incisiva, como se observou em sua seguinte fala: “(...) *um vereador ganha quase 5 mil reais pra ficar chocando na Câmara dos Vereadores*”. Elementos decorrentes de sua vivência política também se revelaram nos termos utilizados para se relacionar com os receptores. Eis exemplos: “*cidadão*” e “*cidadã*”, “*companheiro*” e “*companheira*”.

Maria do Carmo Souza, por sua vez, apresentou um modo mais tranqüilo e comedido de falar, independentemente do tema tratado. Tal postura pode ser explicada devido ao tipo de educação tradicional recebida, tendo morado durante a maior parte de sua vida na zona rural, sem ter, nesse período, ligação com movimentos de resistência. Sua inserção no Centro das Mulheres e, conseqüentemente, na equipe responsável pelo programa radiofônico deu-se quase por acaso, após contatos iniciados em função de sua curiosidade em conhecer as outras apresentadoras, como ouvinte de *A Voz da Mulher*. A partir desses encontros foi crescendo sua identificação com causas populares e atuação na área. Quanto a Célia Oliveira, sua experiência como radialista, acumulada durante anos de prática, proporcionou-lhe uma segurança e capacidade de improviso destacáveis, tendo sido a condutora do programa.

Apesar de haver particularidades intrínsecas a cada uma dessas mulheres, as três fazem parte do mesmo contexto sócio-cultural e histórico: além de pertencerem ao mesmo estrato social, são oriundas da área rural da Zona da Mata pernambucana, o que implica uma visão de mundo e um modo de expressão peculiares, concedendo a seus discursos certas congruências em termos de conteúdos e formas.



A partir da análise do programa, percebeu-se uma expressiva ênfase em questões referentes à cidadania e religiosidade, razão pela qual optou-se por direcionar o estudo a estas temáticas.

4.1. Cidadania

Referências aos direitos e deveres de cidadania encontraram-se na maior parte dos discursos transmitidos, em decorrência de consistirem num ponto central das ações desenvolvidas no Centro das Mulheres. Tais referências foram feitas com maior frequência por Socorro Santos, cuja afinidade com as causas sindicais se reflete na forma eufórica, incisiva e carregada de emoções por meio da qual essa locutora aborda conteúdos políticos, fazendo uso de expressões e frases como: *“criar vergonha na cara”, “esses mafiosos”, “aqueles idiotas e imbecis” e “(...) um vereador ganha quase 5 mil reais pra ficar chocando na Câmara dos Vereadores”*.

Assim como as outras locutoras, Socorro Santos apresenta uma linguagem bem coloquial, com termos condizentes com os hábitos lingüísticos do contexto sócio-cultural em questão. Seu modo de falar costuma ser espontâneo, aparentando estar numa conversa entre amigos, conforme se nota no seguinte exemplo: *“Você viu essa semana? Cada deputado ganhou 6 mil pra comprar paletó. Me poupe, né?”*.

Nesses momentos, percebe-se, também, a influência das circunstâncias momentâneas, ou, como destacaria Dino Pretti, *“(...) das circunstâncias extraverbais que cercam o indivíduo no ato da fala” (1987:31)*. Assim, a apresentadora se deixa levar pelas emoções e percepções sentidas naquela situação determinada, estabelecendo uma relação de cumplicidade com os ouvintes, de modo a fugir da distância que poderia ser criada a partir do contexto institucional, resolvendo uma questão apontada por Milton José Pinto da seguinte forma: *“O problema a ser resolvido aqui pelo emissor é o de reproduzir as hierarquias sociais reconhecidas no interior da instituição em que o processo de comunicação se dá, reforçando-as ou de tentar modificá-las segundo determinada estratégia persuasiva” (1995:21)*.



A necessidade do voto consciente, tido como fundamental para o exercício da cidadania, o acesso à informação e a união e solidariedade são questões constantes no programa, devido ao fato de serem considerados no CMV elementos fundamentais para se promover mudanças sociais. Essa importância delegada a tais assuntos pode ser uma explicação para o fato de, durante sua abordagem, ocorrer com frequência acentuada construções autoritárias de pensamento, como se observa nos exemplos a seguir: “*Se alguém quer te dar, aí você recebe, mas não pelo voto. Se você tá precisando e o cara, o camarada tem pra dar você recebe. Mas não venda o voto*”; “*Tem que conhecer o passado, a história (...) ter consciência da pessoa em quem está votando*”.

Esta imposição de uma conduta política pode decorrer de uma seleção provavelmente inconsciente daquilo que seria a melhor forma de persuadir alguém em torno de uma postura que se julga ser a mais correta a ser adotada em prol de um bem comum a todos – a transformação social. A escolha de tal modo de expressão vincula-se, também, a uma história marcada por práticas paternalistas, pois, segundo Dino Pretti, existe uma “*(...) sintonia entre a cultura de uma comunidade e a forma como ela estrutura e transmite seu pensamento*” (1987:25). Tal idéia pode ser complementada pela afirmação feita por Orlandi, para quem a materialidade da linguagem deve ser considerada da seguinte forma: “*(...) em seu duplo sentido: o histórico e o lingüístico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O que me permite dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído*” (1996:36).

Paralelamente à percepção de práticas paternalistas na produção discursiva em análise, observou-se críticas às mesmas, como se confere a seguir, numa fala na qual Célia Oliveira comenta a doação de cestas básicas: “*Enquanto a gente depender dessas coisas, infelizmente a situação em nosso país não vai melhorar. Por que é um paliativo? É. Vai fazer bem à meia dúzia de gente? Vai, porque tem muita gente morrendo de fome, isso a gente tem certeza. Mas não é isso que o brasileiro gostaria que acontecesse. O brasileiro gostaria de ter emprego, de um salário digno e etc*”.



Em tal exemplo constata-se, mais uma vez, o caráter heterogêneo dos discursos. É interessante observar, ainda, o fato de as apresentadoras não terem negado, simplesmente, o sistema paternalista. No incentivo à solidariedade, vinculada ao exercício da cidadania, admitem práticas do referido sistema, numa estratégia de adaptação à realidade existente, o que mostra uma atitude ativa do sujeito no ato da recepção de conteúdos na qual se faz uma *“apropriação a partir de seus usos”*, conforme apontado por Martín-Barbero (1997:16). Nesse processo, o caráter original do discurso paternalista – conformista – é alterado de modo a corresponder a propostas de mudança social. Isso se deve, de acordo com Foucault, ao fato de que *“não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído. [Existe ao contrário] uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. [O discurso pode comportar] deslocamentos e reutilizações de fórmulas idênticas para objetivos opostos”* (1999:95-96). Complementando essa perspectiva, pode-se mencionar a explanação de Orlandi, segundo a qual *“todo enunciado é passível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”* (1996:80).

Tais constatações podem ser ilustradas nesta argumentação de Socorro Santos sobre o clientelismo: *“é falta de consciência! Conta a fome, a miséria, tudo isso conta, mas se os trabalhadores, se o povo, soubesse votar, até podia receber e pode receber milhões se eles derem. O que não pode é votar nuns cafajestes desses”*. Outro exemplo é o pedido de doações de empresários ao Centro e a instituições diversas, com a finalidade de possibilitar uma intensificação de cursos e seminários voltados a questões políticas.

Mais uma observação interessante refere-se à tensão na forma de interação com os ouvintes, ora havendo distância, ora cumplicidade. Eis aqui exemplos da primeira: *“Agora, você, muitas vezes, só vota por um saco de cimento, por um corte de tecido, porque alguém consertou o motor de seu carro”*; *“Por que Vitória não tem grandes mudanças? Porque o povo não sabe votar”*. Em contrapartida, também foram encontrados esses exemplos: *“E nós não queremos sobreviver. Nós queremos viver. E viver com dignidade, o que começa com um salário decente, pelo trabalho decente, por*



uma condição de trabalho decente (...)”; *“Vamos avaliar a história de vida de cada candidato”*. Essa ambivalência pode ser resultante do conflito entre a apropriação de elementos do contexto institucional, sobressaindo-se as diferenças hierárquicas, e de elementos do contexto sócio-cultural, destacando-se o compartilhamento de valores e sentimento de pertencimento a um mesmo grupo social.

Em relação à temática cidadania, vale ressaltar também o enfoque direcionado à questão da violência, abordada por exemplo, na seguinte fala de Socorro Santos: *“A gente bebe, tem um limite pra sem se desmoralizar ou desmoralizar outras pessoas, nem brigarem criar confusão, né? A polícia táí. A polícia é muito violenta, tá certo? Na maioria das vezes só age contra os pobres e os bêbados mesmo, não é? Duvido que ela aja contra os empresários que roubam esse país, que assaltam esse país, né? Que mata as crianças de fome. (...) A polícia deve existir pra manter a ordem, pra garantir a ordem. Mas muitas vezes quem comete a própria desordem é a própria polícia, não é?”*.

Neste comentário, levou-se em consideração não só as conseqüências para as pessoas prejudicadas pelo agressor, mas também a possível situação deste como vítima dos maus tratos cometidos pela polícia. Isso, além de ser uma preocupação com o respeito aos direitos de cidadania, é uma exteriorização do sentimento de medo e descrédito diante do aparelho policial. Tal sentimento é corrente no contexto da Zona da Mata, onde esta instituição social costuma ser considerada ineficaz no exercício de seu dever mais importante: proteger os cidadãos. Essa imagem decorre do somatório histórico de experiências como vítima ou testemunha de formas variadas de violência, tomando-se como exemplo as agressões praticadas impunemente por jagunços e pistoleiros contra trabalhadores rurais, a mando de proprietários de terra.

Por fim, mais um aspecto de destaque referente a questões de cidadania consiste na ênfase na visão de solidariedade, pautada no sentimento de união, em busca de melhores condições de vida para todos, como se percebeu no seguinte comentário: *“Vitória poderia ser bem melhor se todos nós contribuíssemos, se todos nós déssemos um pouquinho só de nossa contribuição, não é, o pouquinho que fosse, mas se juntasse*



de todo mundo seria uma grande contribuição. E aí não é só dinheiro não. É se reunir, é discutir, é levantar as coisas, é buscar ajudar, resolver essas questões. E buscar soluções". Nesse contexto, o trabalho do CMV é mostrado como um exemplo a ser seguido:

"A gente tá aqui dando a nossa contribuição, não é? É muito pouca, mas estamos aqui, dando nossa contribuição, fazendo nosso papel de cidadão e fazendo valer a nossa cidadania na hora que a gente bota a boca no trombone, que fala, que reclama, que questiona, que traz sugestão também".

Na abordagem de tais questões, observou-se, ainda, o incentivo à integração dos gêneros, de modo a reforçar uma das preocupações existentes no CMV, como se constatou no seguinte depoimento de Socorro Santos, no qual incentiva a visita dos ouvintes ao Centro: *"estamos lá esperando as mulheres e os homens (...) todos precisam participar ativamente, no sentido de conhecer melhor, cada um conhecer seus direitos, seus valores"*.

4.2 Religiosidade

Além de ser tratada de forma direcionada nos quadros de abertura e encerramento, a temática religiosidade aparece ao longo de todo o programa, em decorrência da importância a ela remetida não só pelas produtoras, mas pelos ouvintes, como mostra o depoimento de Célia Oliveira:

"Isso foi até uma reivindicação do público (...). A questão religiosa é muito forte e as pessoas gostam que tenha alguma coisa que fale de Deus (...). E a gente também, né? A gente se sente bem falando de Deus".

Sua declaração é um exemplo da sintonia entre emissores e receptores no processo comunicativo em análise, devido à sua inserção em um mesmo contexto sócio-cultural, ou, conforme Orlandi (1996), ao fato de estarem produzindo uma realidade com a qual ambos se relacionam. Em suas palavras: *"É no discurso que o homem produz a realidade com a qual ele está em relação. O processo de constituição do discurso se explicita na memória, no domínio do saber, nos outros dizeres já ditos ou possíveis de garantir formulação (presentificação) do dizer, sua sustentação. Garantia*



de legibilidade e de interpretação: para que as palavras façam um sentido é preciso que já signifiquem” (1996:36).

Tal sintonia também ocorre em relação aos códigos empregados, sendo freqüentes expressões como “*graças a Deus*”, “*se Deus quiser*”, “*agraciada*”, entre outras, o que só vem a reforçar a coerência simbólica mencionada.

Durante o quadro da prece, observou-se a referência constante de Célia Oliveira ao programa, como se constata no seguinte exemplos: “*Pois, é, Senhor, estamos aqui, estamos rezando. E sabe por quê? Porque aqui a gente apresenta pra ti um trabalho bonito, um trabalho em busca da conscientização das nossas mulheres. (...) Senhor, todos os sábados nos reunimos e nos encontramos rezando no programa ‘A Voz da Mulher’*”.

Essa forma de expressão pode se conectar a influências do referido contexto institucional, sobre o qual discorreu Milton José Pinto (1995). Trata-se de uma incorporação de uma tendência do discurso da mídia, atualmente bastante auto-referente, dado ao aumento da disputa pela atração do interesse dos receptores, em consequência da expansão dos meios de comunicação de massa. Assim, pode-se tratar de uma tentativa inconsciente de estimular o ouvinte a registrar a presença das realizadoras do programa por trás daquele discurso, enfatizando a preocupação destas com questões religiosas e o vínculo do trabalho desenvolvido no CMV com ensinamentos religiosos. A auto-referência pode neste caso ser, ainda, fruto de uma necessidade de mostrar ao próprio Deus a relevância das ações realizadas, soando como uma oração realmente dirigida a ele.

A diversidade de matrizes discursivas atuantes ocasiona o caráter heterogêneo dos enunciados, caracterizados, como observa Milton José Pinto, num “*(...) tecido de ‘vozes’ ou ‘citações’, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado*” (1995:14). Esta teoria é bem ilustrada numa das preces analisadas, na qual, apesar de se fazer uma crítica ao fato de Deus não ajudar a todos de forma igualitária e à desconsideração da reza como algo acessível à sociedade em geral, agradece-se ao mesmo por tudo o que tem feito. A seguir, alguns



trechos desta reflexão: *“é difícil dialogar contigo, Senhor. És ocupado demais para prestar atenção aos gritos de uma criança que chora, de um doente que sofre, de um jovem desiludido enganado pelas luzes artificiais de uma vida artificial. Me disseram, Senhor, que rezar é uma palavra sagrada, são poucos os que a conhecem. Um privilégio dos monges e das freiras, que fugindo do mundo, tentam rezar, falando de si sem cessar e te apresentando de vez em quando os problemas dos irmãos da caminhada”*; *“Eu nunca aceitei esta teologia da dificuldade”*; *“É assim, Senhor, que todos os sábados nós nos reunimos em busca dessa gramática, para rezar para ti, para rezar contigo, para pedir pelos nossos semelhantes e também Senhor para agradecer. Agradecer pelo muito que tens feito por todos nós, homens, mulheres, jovens e crianças”*.

Pode-se perceber nesta mesma fala tanto um caráter de resistência frente às desigualdades sociais e de gênero, como um teor de conformismo e resignação, na medida em que se prega o agradecimento pelo que se tem. Essa ambigüidade discursiva decorre, provavelmente, da influência de diferentes traços culturais, entre os quais destacam-se o tradicionalismo e, em contrapartida, a resistência e o desejo de mudança. A tensão entre tais traços culturais tem marcado historicamente o universo da Zona da Mata, caracterizada tanto pela tradição de lutas, quanto por posturas de submissão diante de práticas paternalistas.

Mais exemplos de idéias conformistas foram encontrados no sermão a seguir: *“procure dar exemplo de paciência e desprendimento, servindo a todos com bondade e educação. A verdadeira vida é a vida do amor e do serviço”*; *“Não diga jamais que é pobre. A pobreza não é falta de dinheiro. A pobreza verdadeira é a falta de compreensão. Todo aquele que compreende a vida, que sabe dizer uma palavra de conforto, que sabe estender a mão compassiva ao que sofre, que sabe distribuir alegria e otimismo, é rico, imensamente rico de bondade, que jamais falta por mais que você a distribua por milhares de pessoas”*.

Estas afirmações podem ser interpretadas como apropriações de uma das visões de pobreza difundidas pela Igreja Católica, em relação à qual Max Weber assinalou



elementos éticos que predispõem seus seguidores a comportamentos de conformismo e submissão diante da escassez de bens materiais. Em suas palavras, “*as forças mágicas e religiosas e os ideais éticos de dever delas decorrentes sempre estiveram entre os mais importantes elementos formativos de conduta*”. A força de tais elementos, conforme Karl Marx, vincula-se a condições adversas de vida, que dificultam, por parte dos setores dominados, um questionamento frente ao discurso dominante, levando-os a reproduzir ideologias que, como a existente no depoimento ilustrativo, aparentam ser apenas ensinamentos humanistas, quando, em sua essência, estimulam comportamentos de conformação frente às desigualdades sociais. De acordo com José Luiz Fiorin: “*essas representações servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens*”(1990:23).

Apesar de haver elementos de conformismo, a abordagem do tema religiosidade nesta perspectiva não compromete o poder de transformação do discurso como um todo, já que se trata de um assunto com grande potencial de sensibilização na região onde o processo comunicativo se realiza, motivando o interesse dos ouvintes pelo programa. A figura de Deus é espontaneamente divulgada como um suporte diante das dificuldades da vida, justamente uma das causas principais de sua valorização entre a população da Zona da Mata, a qual tem convivido com precárias condições de existência. Nesta relação de compartilhamento de valores, mostra-se a relevância da solidariedade como elemento essencial para se promover melhorias, uma das mensagens que mais se deseja transmitir, como ressaltou Célia Oliveira: “*Solidariedade é a palavra forte do nosso A Voz da Mulher!*”.

De um modo geral, a ambigüidade discursiva presente na abordagem do tema religiosidade é um reflexo da dubiedade característica das próprias religiões populares, como assinalou Marilena Chauí (1996). Dessa forma, assim como nas religiões, se por um lado o discurso conforma, por outro estimula o conhecimento e a resistência, uma vez que se busca na religiosidade uma resposta para a adversidade política e social, referindo-se à ordem geral do mundo (a injustiça), indicando um desejo profundo de mudança da ordem vigente no momento atual, num futuro remoto ou até numa outra



vida, bem como exprimindo o sentimento dos oprimidos de que só poderão alterar a realidade em vigor a partir da união de todos.

5. Considerações finais

Na produção discursiva analisada em *A Voz da Mulher* sobressaíram-se questões relativas à cidadania e à religiosidade, devido sobretudo a veemência com a qual foram abordadas. A construção simbólica realizada foi marcada pela apropriação e usos de uma multiplicidade de elementos provenientes de mediações diversas, com destaque para o contexto específico da Zona da Mata pernambucana, tendo sido os discursos permeados por traços culturais característicos dessa região, ressaltando-se o paternalismo, conformismo e resignação, solidariedade, resistência e desejo de mudança.

Trata-se de uma pluralidade de elementos, que se relacionam de forma complexa, configurando um discurso de caráter heterogêneo. Assim, por exemplo, registram-se variações na maneira pela qual os emissores interagem com os receptores: apesar de haver uma predominância do compartilhamento de valores e cumplicidade, também incidem, em contrapartida, uma distância nessa relação, bem como formas autoritárias de estruturação das mensagens, percebidas na utilização de modos verbais imperativos. Tais formas de estruturação poderiam ser atribuídas, por exemplo, à apropriação de elementos do contexto institucional, reproduzindo as relações de poder nele consolidadas. Entretanto, o conteúdo transformador do discurso emitido relativiza essa explicação, a qual deve considerar também, entre outros aspectos, a sintonia entre a cultura de uma comunidade e a forma como ela estrutura e transmite suas idéias, bem como uma provável necessidade sentida pelas apresentadoras de recorrer ao apelo, com a intenção de sensibilizar os ouvintes em relação a posturas por elas julgadas mais corretas, num ato coerente com a proposta pedagógica voltada para a mudança social conforme a qual são desenvolvidas as atividades do Centro.

Um dos fatores mais marcantes na construção discursiva estudada consiste na sintonia de códigos e conteúdos entre as apresentadoras e os ouvintes, pertencentes a um



mesmo contexto sócio-cultural. Disso resultam uma espontaneidade ao longo de todo o programa, estabelecendo-se uma interação pautada na proximidade, o que remete à interpessoalidade característica dos relacionamentos na região onde o ato comunicativo se efetuava. Além disso, a referida sintonia simbólica vincula-se à preocupação constante em, como diriam as locutoras, “levar seu recado” aos receptores, ou seja, garantir a legibilidade e interpretação das mensagens emitidas, de modo que seus sentidos sejam apreendidos e realmente signifiquem dentro do universo com o qual os ouvintes supostamente encontram-se em relação. Tal preocupação está ligada ao papel formativo atribuído pelas apresentadoras ao programa, e à conseqüente auto-percepção como contribuidoras para uma transformação social com vistas à melhoria das condições de vida da sociedade. O sentimento de solidariedade é não só transmitido, mas também incentivado junto aos receptores, constituindo um ponto central das mensagens difundidas.

Assim, percebe-se o potencial transformador do discurso transmitido em *A Voz da Mulher*, coerente, de um modo geral, com a proposta de mudança social, a partir da qual as ações são desenvolvidas no CMV. As características múltiplas e por vezes conflitantes do discurso emitido não geram um distanciamento desta proposta, uma vez que são, ao mesmo tempo, um reflexo e uma parte constitutiva da sociedade, cuja heterogeneidade e contradições são os fatores que propiciam sua contínua transformação, conferindo-lhe um caráter dinâmico.

6. Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor García de. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. UFRJ, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização, 1995.
- MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. (org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. *Dos meios às mediações - comunicação, cultura e hegemonia*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia e outros escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990.
- ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PINTO, Milton José . *Comunicação e discurso*. São Paulo: USP, 1995.
- PRETTI, D. *Sociolinguística – os níveis da fala*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1987.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989.